



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

BRASILIA, 12 DE SETEMBRO DE 1959

AGRADECENDO, DE IMPROVISO, AS PALAVRAS DE SAUDAÇÃO DO SENHOR ISRAEL PINHEIRO, NA FESTA COM QUE OS TRABALHADORES DE BRASÍLIA ASSINALARAM A PASSAGEM DE MAIS UM ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Israel Pinheiro acaba de evocar uma data que ficará para sempre gravada nas páginas da história desta cidade. No dia 2 de outubro de 1956, no campo de pouso provisório, aqui, desceram homens, para conhecer e verificar pela primeira vez a grandiosidade e

665

as dimensões da tarefa a que se iam lançar. O Brasil, há séculos, aspirava pela conquista do seu território. Quando os primeiros paulistas subiram a serra do Mar, instalaram-se no planalto de Piratininga, e dali, nos séculos XVII e XVIII, irradiaram pelo Brasil a força de cultura das bandeiras, afastando a linha do Tratado de Tordesilhas, recuando as fronteiras convencionais do Brasil e conquistando para a nossa terra imensas áreas, que ficariam por séculos desertas e abandonadas, marcavam êles, com o seu imenso trabalho de bandeirantes, a força, o entusiasmo e a inspiração vitoriosa do povo brasileiro.

666

Os bandeirantes hão de ficar gravados na história secular do Brasil. Não tiveram êles, entretanto, a grande missão, o trabalho imenso que foi confiado à geração atual. Se os bandeirantes alargaram as nossas fronteiras, não povoaram o país. Muito ao contrário, carreando e transportando para o litoral os habitantes primitivos e selvagens das florestas desconhecidas, êles despovoaram o Brasil. Agora, coube às gerações do século XX esta tarefa, que é de povoar o Brasil. O sonho é velho, a sua realização aparecia aos olhos do Brasil como uma utopia, um ideal sem possibilidades de realização. Ao assumir o govêrno da República, guardando no ouvido o eco e o rumor de uma campanha que marcava pela primeira vez nos anais da história brasileira, um sentido profundamente democrático, o candidato palmilhara o Brasil de um extremo a outro, conhecera-lhe todos os problemas, vivera na carne as vicissitudes mais agudas do seu desenvolvimento e pudera, nas conversas que mantivera nas praças públicas de centenas e centenas de cidades brasileiras, sentir que uma hora nova devia soar para esta nação, uma hora de renovação, na qual os homens se empenhassem, não em tarefas mediocres e pequenas, mas em tarefas grandiosas, de dimensões imensas.

Ao assumir o govêrno da República, ainda absorvido pelos inúmeros problemas de uma nação saída de uma campanha política que assumira clima verdadeiramente revolucionário, preparava eu para o Congresso a mensagem em que solicitava permissão para construir a nova capital do Brasil. Aos meus ouvidos chegaram o rumor de tôdas as descrenças, as palavras de todos os negativismos, considerando aquela mensagem apenas um ato demagógico de um govêrno que queria transferir para outro Poder a responsabilidade de um compromisso que assumira na praça pública de inúmeras cidades do Brasil. Concedida, entretanto, a autorização pelo Congresso brasileiro, no mesmo dia em que eu sancionava a lei que permitia a organização da NOVACAP, também nomeava o grande comandante para os trabalhos que iríamos realizar, o deputado Israel Pinheiro. Esse ato foi firmado no dia 19 de setembro de 1956. A 2 de outubro, dias depois, aqui chegava eu, acompanhado pelo senhor Israel Pinheiro e por uma ilustre comitiva de homens públicos do Brasil, e, daquele cruzeiro, no alto do eixo monumental que começa na Praça dos Três Podêres, descortinamos o panorama imenso dêste planalto central, deserto, abandonado, sem estradas, sem rodovias, sem um único sinal de vida. Era o marco inicial do Gênesis que íamos tentar nestas solidões ainda desconhecidas do Brasil. Não nos intimidamos. Nenhum mêdo tolheu o nosso passo — e sabíamos bem que a iniciativa ia ser envolvida, primeiro, pelos negativistas, que não crêem nos destinos do Brasil, e, segundo, pelos interêsses contrariados, que não queriam admitir a transferência da Capital, em prejuízo de inúmeras e profundas conveniências particulares e de grupos.

Esta luta, nós a travamos com obstinação. Lembre-se os pioneiros que aqui estão de que se necessitava de vinte, trinta e, às vêzes, cinqüenta dias, para aguardar um caminhão trazendo os primeiros materiais

para a cidade. Um reduzido grupo de pioneiros lançou-se à construção da pequena casa que ficou conhecida como o Catetinho e na qual, nos primeiros dias de novembro de 1956, o presidente da República despachava o seu primeiro expediente das alturas deste planalto. Em seguida, as iniciativas se foram multiplicando e, aos poucos, iam brotando deste solo, de uma côr arroxeadada tão bela, as construções que começaram a encher de espanto grande parte do Brasil. A obra, porém, era maior do que se podia imaginar. E não foi apenas a nossa nação que tomou conhecimento da iniciativa. A humanidade inteira sentiu que alguma coisa nova se operava no Brasil. Procurávamos vencer a etapa inicial do nosso combate ao subdesenvolvimento, para nos impormos ao mundo como uma nação que sabe o que quer e que fará o que deseja. Desprezando as palavras dos negativistas, as expressões dos descrentes, tôda esta girândola impermeável dos que não acreditam no Brasil, nós subimos ao planalto e aqui estamos instalando todos êstes monumentos, que amanhã falarão da audácia e da energia do povo brasileiro.

669 Ainda há poucos dias, neste mesmo local, recebemos um homem que representa um dos cumes da inteligência humana, o ministro da Cultura da França, o escritor André Malraux. Entre as palavras que êle pronunciou, algumas hão de ficar gravadas em Brasília, pela verdade que encerram e pela justiça dos conceitos emitidos. Disse êle: “Se voltar à humanidade a paixão pela inscrição nos monumentos, gravar-se-á nos que aqui se vão erguer as palavras Audácia, Energia e Confiança. Essa — dizia êle — não é vossa divisa oficial, mas será certamente a que a posteridade vos dará.” Vozes como essa se elevam hoje de todos os quadrantes do mundo. Brasília passou a representar não apenas a construção de uma cidade, mas um movimento que simboliza a marcha de um povo para a conquista de seus destinos. Galgamos o planalto como, no século XVI, os paulistas

galgaram o planalto de Piratininga. Os bandeirantes dali partiram como daqui partirão os pioneiros para ocupar esta imensa área, de mais de seis milhões de quilômetros quadrados, dois terços, portanto, da superfície brasileira, até hoje desertas, sem oferecer nenhum recurso. Daqui partirão os pioneiros. Êste é o fato inicial. É a trincheira que deslocamos do Rio de Janeiro, do litoral, para êste mesmo planalto, de onde desferiremos os ataques para integrar e conquistar a imensidade do nosso território.

Chegamos hoje, às vésperas da inauguração da nova Capital, com a consciência tranqüila de que estamos cumprindo um dever. Nunca pensamos nas críticas que procuraram nos atirar. As críticas, pelo contrário, eu as recebo como o testemunho mais eloqüente de que êste govêrno realmente está fazendo alguma coisa pelo Brasil. Não há um brasileiro que acuse o presidente da República de inércia, de preguiça, de falta de atividade. Pelo contrário, a acusação é a de que estamos fazendo demais, exigindo sacrifício em excesso do povo brasileiro. Mas temos a consciência de que nenhuma nação poderá romper as barreiras do subdesenvolvimento, sem olhar corajosamente para os horizontes do futuro e enfrentar as dificuldades e sacrifícios, para deixar a seu filhos e futuras gerações uma nação mais poderosa e uma vida mais tranqüila e confortável. Êsse é o dever dos brasileiros e nós o estamos cumprindo.

Aqui estou, hoje, numa festa familiar. Vim procurar Brasília, com minha família, para comemorar uma data que nada tem de aspecto cívico, sendo apenas uma festa íntima. Mas quis passá-la neste planalto, junto dos que lutam dia e noite para ajudar o Brasil nesta arrancada gloriosa para o seu grande destino.

Aqui estamos, povo de Brasília, lutando ombro a ombro, neste empreendimento. E não quero, nesta

oportunidade, destacar nenhum dos grupos que aqui estão trabalhando, tão ativamente, para o êxito final, mas uma referência se impõe, pela justiça que ela encerra. Não poderia, numa festa de Brasília, silenciar o esforço admirável do comandante-em-chefe desta batalha, que é o engenheiro Israel Pinheiro. Êle tem sido infatigável, êle pôs sua vida a serviço desta causa. Êle é bem a expressão e o simbolo de todo o esforço dêstes silenciosos e anônimos trabalhadores que aqui, dia e noite, estão erguendo o futuro monumento da Pátria brasileira.

673

Quero, ao encerrar estas ligeiras palavras de agradecimento e de saudação aos pioneiros de Brasília, lembrar uma frase que data do século XVI. Retornando das fronteiras do Peru, disseram os bandeirantes aos seus concidadãos: “Estamos voltando das fronteiras do Peru, e isto não é uma fábula. Fomos a pé e estamos de volta”. O mesmo poderemos nós dizer, pioneiros de Brasília. Não estamos criando uma fábula. Brasília é uma realidade. Ela está-se erguendo, seus lindos edificios se avultam nos horizontes dêste planalto, a arte de Niemeyer e Lúcio Costa aqui traçou um admirável monumento de beleza. Tudo isso somado, todo êste esforço aqui realizado vai amanhã desabrochar na prosperidade de uma nação nova, que não pode mais se contentar com uma posição secundária nos quadros universais. Se outras nações — e temos no continente exemplos formidáveis, como os Estados Unidos — conseguiram, há mais de um século, superar tôdas as suas dificuldades, para se transformarem em países poderosos, também nós, brasileiros, temos capacidade, energia, audácia e inspiração para construir uma pátria nova, para fazer do Brasil o sonho das gerações passadas e o presente para as gerações vindouras, uma nação forte e poderosa.